



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FRANCISCO DE MENESES MEIRELES DE TÁVORA DO CANTO E CASTRO, VISCONDE DE MEIRELES.

FREITAS, Fernando da Costa

Ano: 1921 | Número: 31

Como citar este documento:

FREITAS, Fernando da Costa, Francisco de Meneses Meireles de Távora do Canto e Castro, visconde de Meireles. *Revista de Guimarães*, 31 (4) Out.-Dez. 1921, p. 277-282.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

FRANCISCO DE MENEZES MEIRELES DE TÁVORA DO CANTO E CASTRO (1)

(VISCONDE DE MEIRELES)

Entre os livros, que constituíram sempre o principal entretenimento da sua vida; rodeado pela espôsa amantíssima e pelos filhos idolatrados; cercado de flores e de plantas; aspergido de bênçãos e de perfumes; chorado pelos amigos e lamentado por todos os que com êle trataram — tais foram os últimos, tranqüilos momentos, dêsse alto e bem equilibrado espírito que se finou ao entardecer dum dêstes dias de primavera sem par, no honesto e recatado *home* de S. Mateus, às margens do Tejo silencioso e brando. . .

A sua cabeça audaz repousou enfim, e o seu corpo franzino, mas da rigidez do aço, tombou por último na batalha da vida — direito como o roble, e como o roble, altivo!

Hão-de decorrer muitos anos; à geração actual outra sucederá, talvez melhor preparada para compreender e galardoar, em justa medida, o carácter e a inteligência daqueles que puderem impor-se pelos seus talentos e pelas suas virtudes, e ainda então o nome de Francisco Meireles do Canto sobressaírá dentre êses, como astro de primeira grandeza, cuja luminosa trajectória perdurará no espaço e no tempo — como incentivo e como exemplo.

Assim, por felizes devem ter-se aqueles que, co-

(1) Êste artigo, escrito expressamente para a *Revista de Guimarães*, só agora pode ser publicado, por ter estado suspenso, durante anos, a sua publicação.

mo o autor destas linhas, viveram na intimidade do patriota insigne e do diplomata illustre entre os que mais o foram, e puderam, de tal sorte, gozar o inefável encanto da sua convivência; aquilatar a sensibilidade da sua alma; apreciar a lucidez da sua intelligência; a justeza, o alcance, e o inesperado do seu bizarro raciocínio; admirar a acuidade e a subtileza do seu espirito, onde, por vezes, a Ironia adejava nos frémitos do Riso — inofensivo e simples —; avaliar os primores da sua educação esmeradíssima, sabido como é, que a verdadeira educação não é a que se apregoa, mas a que se pratica, e que no Visconde de Meireles ela se manifestava até nas coisas mais insignificantes e comezinhas.

A seu lado as horas deslizavam com a rapidez dos minutos e quantas vezes — quantas?! — não succedeu esquecermo-nos dos interêsses próprios, enlevados com a sua conversa fluente, tam agradável como interessante, tam variada como instrutiva?!

Que o digam os dias, os muitos dias passados junto dêle, e o pesar que sentimos por nunca mais podermos renová-los, — nunca mais!

The right man in the right place, dizem os ingleses, e assim convencidíssimo estamos de que nunca o desempenho dum cargo de tanta responsabilidade e importância, como é o de representante dum país em terra estranha, requerendo por isso mesmo aptidões especiais, foi confiado a quem melhor o comprehendesse e desempenhasse do que o antigo Ministro Plenipotenciário de Portugal na República Argentina, pois a sua pessoa reunia tôdas as qualidades e predicados que se exigem num *diplomata*, na verdadeira e rigorosa acepção desta palavra, desde a figura, que no Visconde de Meireles era simultâneamente insinuante e correctá, airosa e elegante, até ao talento formosissimo, à intelligência maleável e perspicaz, e ao ânimo forte e varonil, já anteriormente experimentados nos elevados cargos de Cônsul Geral em Bombaim e Adido Commercial na Alemanha.

San Lucar fixou como dogma, ou estabeleceu como regra, que o homem da sociedade é inútil, ou fútil, e que o útil não deve procurar-se ali.

Quanto êsse dogma é falivel, ou quanto essa regra sofre excepções, está justamente no que acabamos de

escrever acêrca de Francisco Meireles do Canto, pois ao conjunto de circunstâncias que apontamos, tam raras como felizes, deveu êle, sem dúvida, os sucessos que alcançou na sua larga e brilhante carreira pública, e a essas mesmas circunstâncias deveu também — ? porque não havemos nós de afirmá-lo aqui, nesta hora, cuja solenidade não admite subterfúgios nem tergiversações? — as pequeninas invejas, que do charco da vida se ergueram, coachando à sua passagem, sem todavia o assustarem, ou o fazerem mudar de caminho, mas confirmando apenas o provérbio: — «Medem-se as tôres pela sombra e os grandes homens pelo número dos seus invejosos.»

A nossa Guimarães, «*essa terra de tam amorável acolhida e de tam glorioso renome*», como êle a denominou, mereceu-lhe sempre especial predilecção, predilecção que se manifestava no amoroso carinho e no desvelado interêsse com que seguia o seu desenvolvimento e com que acompanhava de longe uma das mais brilhantes manifestações da sua vitalidade e do seu progresso, — a illustre e benemérita *Sociedade Martins Sarmento*, da qual era sócio correspondente e com cujo titulo muito se honrava.

Referiu-se um jornal aos relevantíssimos serviços prestados pelo Visconde de Meireles no difficil govêrno do Território de Manica e Sofala, que por três vezes exerceu, citando, a propósito, o desenvolvimento da actual cidade da Beira, em que a mão do homem transformou as áridas e extensas dunas duma pequena parte do litoral africano.

Assim foi, de facto. Porém, outros serviços, não menos relevantes, prestou no desempenho dêsse cargo, que inteiramente se devem ao trabalho, à iniciativa, à tenacidade e diremos até à clarividência do Visconde de Meireles.

Mas, ao escrevermos hoje a seu respeito, seja-nos licito transcrever para aqui o trecho dum artigo, que há perto de oito anos publicamos num jornal de Guimarães, e justamente porque êsse trecho recorda um caso passado na Beira com Francisco Meireles do Canto duma das vezes em que êle exerceu ali as funções de Governador do território.

Quiseram os habitantes daquela cidade dar-lhe uma

prova da saúde com que o viam afastar-se do seu lado, e ao mesmo tempo prestar-lhe homenagem de reconhecimento pela maneira brilhantíssima como se conduzira naquele lugar, onde a responsabilidade do desempenho corre paralela com a multiplicidade das questões a estudar e dos assuntos a atender.

Para isso lembraram-se de oferecer-lhe um banquete nas vésperas da partida, banquete a que assistiu tudo quanto então constituía a sociedade escolhida da capital dos territórios de Manica e Sofala.

Ao *toast* ergueram-se para brindar o Governador, os representantes consulares acreditados na Beira, fazendo-o cada um no seu idioma nacional e revestindo certamente êsses brindes com as melhores e mais finas roupagens do mais belo e burilado estilo.

Seguidamente o Visconde de Meireles, dando todo o apurmo à sua elegante figura de beduíno, de olhar perscrutador, mento fino e barba à Nazareno, levantou-se e, erguendo a taça, respondeu a cada um dêsses brindes no idioma respectivo, mas por forma tal que dir-se-ia estar a ouvir um natural daqueles países, tal a correcção, a elegância e a facilidade com que êle falou simultâneamente em francês, inglês e alemão.

Isto que para o Visconde de Meireles representava apenas o exercício dum despôrto a que se habituara desde criança e em que, depois, por completo se amestrara nos cargos diplomáticos em que servira, cativou por tal forma a assistência, que é fácil imaginar a grande ovação com que lhe recompensaram a gentileza, nomeadamente aqueles que assim ouviam falar a sua língua pátria a um tam alto e tam distinto funcionário português.

Mas o homem que assim procedia nunca se deixou arrastar pelas adulações nem pelas lisonjas dos que o cercavam, o que afinal não seria para admirar em quem, pelo mérito próprio, tinha ascendido então às mais altas posições, antes provou em tôdas as circunstâncias da vida, singelamente, naturalmente, desprendidamente, a superioridade do seu carácter, sendo dessa prova o facto que vamos narrar.

Duma das vezes em que o Visconde de Meireles se encontrava em Africa, faleceu ali um oficial que lhe estava subordinado e pelo qual o Visconde de Meireles

tinha grande estima, official que possuía, além doutras condecorações, um dos graus de Torre e Espada.

Não satisfeito em assistir ao funeral do amigo e do companheiro de trabalho, — inglório e já esquecido! —, o Visconde de Meireles enviou a seguir a viúva, acompanhado dum officio repassado de mágoa e sentimento, como êle sabia fazê-los, a chave do ataúde e as veneras do valoroso militar, officio que êle próprio minutou e escreveu, remessa que êle próprio preparou e expediu, — em requintes de gentileza e cortesia, de que só êle tinha o segredo e de que por isso mesmo só êle era capaz.

Mas se das applicações práticas da vida, do seu atroz positivismo e dêsse *struggle for life* que é o apañágio da hora presente, passarmos para os pequenos nada, para os efémeros *bibelots* da existência com que por momentos o coração se avigora, a alma se compraz e o espirito se recreia, aí recordamos então o artista subtil e o homem de letras consumado, extasiando-se ante uma tela de Columbano, ou uma aguarela de Garmeyro, ante um romance de Camilo, ou um soneto de Fernandes Costa — artistas máximos do pincel e da pêne, cujas obras têm alguma coisa de sagrado —, manifestando na sinceridade e no entusiasmo com que as apreciava, ou discutia, a certeza de que a sua opinião não resultava duma rápida impressão de momento, e assim, nada tendo de subjectiva, provinha apenas do conhecimento perfeito e completo que êle possuía do assunto.

E se isto era uma conseqüência natural do seu espirito extremamente culto, e da sua invulgar erudição, supérfluo será acrescentar que o Visconde de Meireles elaborava com a mesma facilidade um tratado de comércio e um artigo de jornal, um simples *suelto* ou uma crítica literária, traduzindo da mesma forma, — correctíssima e vernácula —, um romance de Lavedan, ou de Shakespeare, uma obra de Hoffmann, ou de Edmundo de Amicis.

Assim, desde a sua colaboração nesse belo magazine — «*A Leitura*» — que fêz época entre nós, até ao «*Jornal das Colonias*», que dirigiu e administrou durante muito tempo, e depois à sua assídua colaboração no importante «*Jornal do Commercio*», do Rio de Ja-

neiro, onde, além dos folhetins, lhe estavam confiadas a «*Revista geographica*» e a «*Revista do commercio internacional*», e de admirar não só a correccão, a beleza e a elegância da forma, a elevação e o colorido, mas ainda a argüeza de vistas e a justeza da observação, a pureza dos conceitos e a exposição clara e suggestiva de *Ray Xavier*, ou *Mendo Vaz*, pseudónimos usados pelo V. de M. desde o seu noviciado nas letras portuguezas, das quais veio a ser, por fim, um dos mais belos ornamentos.

Foi seu último trabalho «*A Conquista da India*» já quando o corpo, alquebrado e gasto, mal podia resistir aos efeitos da fatal doença. Mas ainda assim Meireles do Canto deu-lhe uma concepção bizarra, e traçando-o com mão de mestre, nêle se afirmou plenamente o escritor primoroso e simultâneamente o historiador de vastos e profundíssimos conhecimentos, expondo em linguagem clara e sóbria as lutas que acompanharam a conquista da India pelos europeus e cuja administração constitui, evidentemente, o trabalho mais notável e colossal de quantos os estadistas inglêses têm realizado no mundo!

Isto que aqui fica, — ditado pela Verdade e imposto pela Justiça —, foi escrito tanto mais livremente, quanto jamais poderá agradecê-lo aquele a quem se refere e a quem estivemos presos, desde a primeira e inesquecida hora, por uma afeição que, se não nasceu na época em que de ordinário as maiores amizades se contraem, despontou justamente numa idade em que o melhor conhecimento dos homens, das suas qualidades e dos seus defeitos, nos permitiu avaliar quanto êste tinha de excepcionalmente generoso e bom.

E foi sobretudo a sua bondade, como radiosa estrela, que ao seu fulgor prendeu o nosso affecto — para sempre!

Lisboa, 12 de Março de 1915.

FERNANDO DA COSTA FREITAS.